A representação da homofobia na obra *Sapato de Salto* de Lygia Bojunga: Análise crítica do preconceito através do viés da Teoria Queer[1]

Cristiane Pereira Lima[2]

Orientadora: Mariana Rissi Azevedo[3]

Resumo:

Esta pesquisa analisa a representação da homofobia na obra *Sapato de Salto* de Lygia Bojunga através do viés da Teoria Queer, representada pelos autores: João Paulo de Lorena Silva (2016), Ederson Luís Silveira (2016), Leonard Cristy Souza Costa (2016), Guacira Lopes Louro 2008, e Eve Kosofsky Sedgwick (2007), entre outros; esses autores tem como principal objeto de estudo a realidade vivenciada por pessoas LGBTQI, e como a sociedade as têm visto, afim de promover a diversidade cultural e de gênero. A metodologia empregada é de cunho bibliográfico analítico e consiste em analisar excertos da obra no qual Andrea Doria, é vitimado pelo preconceito por conta de sua opção sexual. Em um segundo momento, compara-se o enredo do livro a história verídica de André Barbosa para demonstrar o quanto a homofobia ainda é presente na atual sociedade Brasileira, e por fim, é levantada discussão acerca de leis anti-discriminatórias e criminalização da homofobia em considerações finais.

Palavras-chave: Homofobia. *Sapato de Salto*. Lygia Bojunga. Teoria Queer.

Abstract:

This research analyzes the representation of homophobia in the work *Sapato de Salto* by Lygia Bojunga through the bias of the Queer Theory, represented by the authors: João Paulo de Lorena Silva (2016), Ederson Luís Silveira (2016), Leonard Cristy Souza Costa (2016), Guacira Lopes Louro 2008, and Eve Kosofsky Sedgwick (2007), among others; these authors have as main object of study the reality experienced by LGBTQI people, and how society has seen them, in order to promote cultural and gender diversity. The methodology used is analytical bibliographical and consists of analyzing excerpts from the work in which Andrea Doria is victimized by prejudice because of his sexual choice. In a second moment, the plot of the book is compared to the true story of André Barbosa to demonstrate how much homophobia is still present in the current Brazilian society, and finally, discussion is raised about anti-discrimination laws and criminalization of homophobia in final considerations.

Keywords: Homophobia. *Sapato de Salto*. Lygia Bojunga. Queer Theory.

---

[1] Artigo científico apresentado para obtenção de nota parcial na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras- Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM- IEAA.

[2] Acadêmica finalista do Curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Inglesa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM- IEAA.

[3] Professora da Universidade Federal do Amazonas- UFAM, possui graduação em Letras Licenciatura: Língua Inglesa e Língua Portuguesa pela UNIFAIMI- especialização em estudos avançados em Língua Inglesa pela Universidade Estadual Paulista e Mestrado em Letras pela Universidade Estadual Paulista.

Introdução

Este presente artigo estuda a representação da homofobia na obra *Sapato de Salto* da autora Lygia Bojunga analisando criticamente o preconceito através do viés da Teoria Queer, para tal estudo ser realizado utilizou-se a metodologia de cunho bibliográfico analítico, e extraímos trechos da obra na qual podemos observar as difíceis situações enfrentadas pelo personagem Andrea Doria, um jovem homossexual, que vive um dilema familiar com seu pai Rodolfo que é preconceituoso e violento. Frisaremos o sofrimento desse adolescente durante a narrativa, e como o pai se comporta diante a orientação sexual do filho.

Iremos pautar nossas análises nos estudos dos autores: João Paulo de Lorena Silva (2016), Ederson Luís Silveira (2016), Leonard Cristy Souza Costa (2016), Guacira Lopes Louro (2008), Eve Kosofsky Sedgwick (2007), Judith Butler (2015), entre outros, e investigaremos as agressões físicas e psicológicas que Andrea Doria sofre no âmbito familiar, e as dificuldades desse adolescente em conviver com esses problemas. Embora a história de Andrea Doria seja fictícia, ela é a realidade de muitos adolescentes, por conta disto, optamos contrastar o personagem com André Barbosa, um jovem agredido por conta de sua opção sexual que escolheu denunciar sua injustiça.

O intuito de comparar Andrea Doria e André Barbosa é mostrar que em nossa atual sociedade Brasileira a homofobia ainda é fortemente presente; a escolha dos teóricos contribui na demonstração da luta LGBTQI na sociedade e reúne definições e conceitos acerca da teoria Queer, versando sobre as dificuldades das “minorias” sexuais na sociedade. Essas minorias sofrem com a não aceitação de suas famílias e comunidade, e são reprimidas pela heteronormatividade tendo sua identidade de gênero sexual considerada como aberração desviante. Sua posição na sociedade ainda é marginal apesar das lutas por direitos a igualdade, e, apesar de possuir o direito de frequentar locais públicos, muitas vezes são ridicularizados, violentados ou oprimidos. Faremos a seguir um breve panorama sobre a Teoria Queer e os LGBTQIs.

Teoria Queer e os LGBTQI

Esta pesquisa é fundamentada pela Teoria Queer e tem por base o estudo dos teóricos: João Paulo de Lorena Silva (2016), Ederson Luís Silveira (2016), Leonard Cristy Souza Costa (2016), Guacira Lopes Louro 2008, e Eve Kosofsky Sedgwick (2007), entre outros; esses autores têm como principal objeto de estudo a realidade vivenciada por pessoas LGBTQI, e como a sociedade têm visto essas pessoas, e, versam principalmente sobre o movimento Queer, afim promover a diversidade cultural e de gênero.

As siglas LGBT são usadas desde 1990, e significam *Lésbicas*, *Gays*, *Bissexuais*, *Travestis*, *Transexuais* e *Transgênicos*. As siglas Q e I designam as pessoas *Queer e Intersexuais*, essas novas siglas foram inseridas em 1996. "Queer é um movimento que toma uma direção não esperada, que contesta as normas dominantes, de modo que lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexuais, trabalhadoras sexuais podem viver com menos medo no mundo" – segundo Judith Butler (2015).

Na atualidade alguns grupos sociais conservadores apresentam dificuldades em aceitar a comunidade LGBTQI, neste trabalho será retratado o preconceito tomando como objeto de estudo a obra *Sapato de Salto* da autora Lygia Bojunga; será discutida a homossexualidade e homofobia representada na obra, a fim de causar uma reflexão acerca do sofrimento de pessoas, que são agredidas moralmente, psicologicamente e fisicamente por não se enquadrarem na heteronormatividade.

Por conta de atos violentos e discriminações, muitos homossexuais tem medo de assumir sua opção sexual, vivendo com medo e escondendo da sociedade sua sexualidade.

> O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. (SEDGWICK, 2007, p. 22)

A autora retrata o armário como uma prisão interna de sentimentos e pensamentos, na qual o comportamento homossexual deve ser contido e reprimido, caso

o indivíduo revele sua opção sexual a sua família e amigos, este deverá ser forte e corajoso para enfrentar as consequências de assumir-se, mesmo que esta notícia seja dada aos próprios pais, esta poderá ou não ser aceita, grande parte desses pais ao ser informado da opção sexual de seus filhos passa a rejeitar, e a reagir com violência com os jovens e adolescentes, que acabam fugindo para a rua ou casa de conhecidos em busca de auxilio e afago, e, uma vez que o jovem deixa seu lar para buscar apoio, pode ser levado a outros caminhos como drogas e prostituição.

> Quando pessoas gays se assumem em uma sociedade homofóbica, por outro lado, talvez especialmente para os pais ou cônjuges, é com a consciência de um potencial de sério prejuízo provavelmente nas duas direções. O próprio segredo patogênico até pode circular contagiosamente como segredo: uma mãe diz que a revelação de seu filho adulto para ela a mergulhou, por sua vez, no armário em sua comunidade conservadora. Na fantasia, mas não só na fantasia, contra o medo de ser morto (ou desejado morto) pelos pais numa tal revelação, é provável que ocorra a possibilidade, muitas vezes imaginada com maior intensidade, de que a revelação os mate. Nada garante de que estar sob a ameaça de uma faca de dois gumes é uma posição demais força do que segurar o machado, mas é certamente mais desestabilizador. (SEDGWICK, 2007, p. 39)

O trecho acima retrata a dificuldade de se assumir homossexual perante a sociedade, e, principalmente, aos mais íntimos, pois ainda há o preconceito e o temor referente ao que estes farão com a revelação. O medo de quem pensa em se revelar assume as piores formas possíveis, desde sua própria morte, até a morte de seus queridos conhecidos. Esta morte pode ser física, ou simbólica, caso haja rejeição ao homossexual.

> À diferença dos gays, que raramente crescem em famílias gays; que estão expostos à alta homofobia ambiente de suas culturas, quando não à da cultura de seus pais, desde muito antes que eles mesmos ou aqueles que cuidam deles descubram que eles estão entre aqueles que com maior urgência precisam definir-se contra; que tem que construir, com dificuldade e sempre tardiamente, a partir de fragmentos, uma comunidade, uma herança utilizável, uma política de sobrevivência ou resistência. (SEDGWICK, 2007, p. 40)

No que diz respeito ao tradicionalismo familiar, o preconceito vem de geração em geração; geralmente a família conservadora não aceita ter um filho gay, e a homofobia é ensinada pelos familiares às crianças, essas não nascem preconceituosas,

no entanto, a convivência no âmbito familiar vai direcionar a um posicionamento moral discriminatório. Guacira Lopes Louro, em seu artigo: *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas,* conduz a realidade da sociedade hoje,

> A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos.
> Mas como esquecer, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas e da publicidade, das revistas e da internet, dos sites de relacionamento e dos blogs? Como esquecer o cinema e a televisão, os shopping centers ou a música popular? (LOURO, 2008, p.18)

Embora haja a indução de crenças e preconceitos através do meio familiar, a pesquisadora discute também o meio social em que o indivíduo está inserido, e afirma que essas influências sociais podem servir para a formação da identidade, e reconhece que a mídia tem uma parcela grande na formação da personalidade de jovens e adultos, desde a exibição de novelas a programas familiares, a internet também tem seu aparato de redes sociais e sites de relacionamento que oferecem aos homossexuais um contato ainda mais rápido e sigiloso para se relacionar, no entanto as redes sociais também são usadas pelos homofóbicos, que destinam ataques que atingem milhares de pessoas ao mesmo tempo, com isso a quantidade de cyberbullying tem crescido causando grande prejuízo á aqueles para os quais as ofensas são direcionadas.

Apesar de tantos males, a voz da homossexualidade no século XXI ecoa com mais facilidade, pois vem ganhando força na mídia e na internet, contemplamos a luta de grupos para a aceitação e desconstrução da visão da sociedade como errado, como algo que corrompe valores, para os LGBTQI, é uma vitória sendo contada, poder falar abertamente, estar sendo reconhecido, não pela sua sexualidade, mas pelo seu caráter e modo de viver, é um grande passo que anos atrás não passava de um sonho para eles, ser reconhecido pela mídia, se identificar com aquela história que entra em sua casa pela televisão, ou sites e blogs, isso não será apagado das mentes das pessoas, trata-se de

uma socialização através da informação, fazer as pessoas entenderem que homossexualidade não é uma doença.

Para as famílias tradicionais a exposição da homossexualidade na mídia é vista como afronta, mas talvez essa exposição trará mudanças no pensamento de alguém dentro dessa família. Cada lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, transgênico e intersexual lutam todos os dias para que sejam ao menos respeitados, muitos deles não conhecem seus direitos e não procuram por eles, tendo que conviver diariamente com a marginalização.

> Muito especialmente a partir dos anos 1960, jovens, estudantes, negros, mulheres, as chamadas "minorias" sexuais e étnicas passaram a falar mais alto, denunciando sua inconformidade e seu desencanto, questionando teorias e conceitos, derrubando fórmulas, criando novas linguagens e construindo novas práticas sociais. Uma série de lutas ou uma luta plural, protagonizada por grupos sociais tradicionalmente subordinados, passava a privilegiar a cultura como palco do embate. Seu propósito consistia, pelo menos inicialmente, em tornar visíveis outros modos de viver, os seus próprios modos: suas estéticas, suas éticas, suas histórias, suas experiências e suas questões. Desencadeava-se uma luta que, mesmo com distintas caras e expressões, poderia ser sintetizada como a luta pelo direito de falar por si e de falar de si. Esses diferentes grupos, historicamente colocados em segundo plano pelos grupos dominantes, estavam e estão empenhados, fundamentalmente, em se auto representar. (LOURO, 2008, p. 20)

Em 1960 as "minorias" sexuais fizeram parte da História durante a revolta de Stonewall em Nova York, exatamente no dia 28 de junho de 1969, após uma revista da policia em um bar LGBTQI chamado Stonewall, policias que prendiam toda e qualquer pessoa que estivesse transvestida, foram encurralados dentro do bar tendo que recuar, pois os frequentadores se rebelaram contra essas autoridades, junto com eles os moradores do bairro (em sua maioria homossexuais) contrariavam a postura policial discriminatória contra o grupo LGBTQI, iniciando assim, um confronto que durou intensamente por seis dias. Esse dia ficou conhecido no mundo inteiro, e marcou a luta pelos direitos dos homossexuais se tornando o Dia do Orgulho Gay, data comemorada em vários países.

Outro fato importante nos anos 60 para os LGBTQI foram os estudos sociológicos iniciados sobre a sexualidade. Em 70 e 80 estes estudos ganharam força nos Estados Unidos por influência de Michel Foucault e a Teoria Queer surgiu direcionando as

observações ás “minorias” sexuais nos estudos culturais, sociológicos, antropológicos, filosóficos, e vários teóricos desta linha de pesquisa surgiram no decorrer dos anos seguintes.

> a teoria *Queer* apropriou-se de um termo – *queer* – capaz de singularizá-la. O termo pode ser traduzido por “estranho”, “ridículo”, “excêntrico”, “raro”, “extraordinário”. Mas a expressão também é designação pejorativa para homens e mulheres homossexuais, podendo ser traduzido por “bicha”, “viado”, “sapatão”, “boiola”, expressões carregadas de preconceito e que têm a “força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homofóbicos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido (LOURO, 2001b apud SILVA et. al., 2016 p.145)

Inicialmente, a definição do nome Queer, trazia uma conotação pejorativa, entretanto o título usado por homofóbicos para caracterizar pessoas homossexuais foi usado com exaltação e transformado em orgulho na luta por respeito e aceitação dos LGBTQI, Queer então passou a engendrar o sentido de excêntrico e raro, dentre outras definições positivas. Mesmo com a evolução das pesquisas sobre gênero dentro do campo da teoria Queer, muitos homossexuais travam uma luta diária contra insultos que ferem a moral e a autoestima, e têm que se decidir se suportam calados sem se defender, ou se partem para a agressão física diante de tantas provocações, infelizmente, mesmo no século XXI, a violência toma proporções absurdas.

Essas pessoas se envolvem em profundas batalhas com o desejo de igualdade e respeito; muitas vezes lutam juntas e procuram a fundo leis que as amparam, a fim de terem uma vida pacífica e justa na sociedade em que vivem. Nos capítulos a seguir será demonstrada a representação da homofobia na obra *Sapato de Salto* de Lygia Bojunga e construída uma análise crítica acerca do preconceito através do viés da Teoria Queer.

Biografia da Autora

Lygia Bojunga Nunes nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul. Aos oito anos de idade mudou-se para o Rio de Janeiro; entrou para o teatro Os Artistas Unidos em 1951,

onde se apresentava pelos interiores, também trabalhou em Rádio e em Televisão como atriz, mais tarde já casada fundou junto ao seu esposo uma escola Rural denominada de "Toca". Somente em 1972 que a escritora lançou seu primeiro livro "Os colegas" que era uma fábula com a qual ganhou seus primeiros prêmios nacionais e internacionais. Foi a primeira mulher a receber prêmios no Estados Unidos e Europa. Ganhou o Prêmio Hans Christian Andersen em 1982, prêmio este muito importante para a Literatura Infanto-Juvenil, nesse mesmo ano ela mudou-se para Inglaterra. Em 2002 o livro "Retratos de Carolina" foi publicado pela sua própria editora, chamada Casa Lygia Bojunga. Em 2006 criou a Fundação Cultural Lygia Bojunga, que tinha como principal objetivo popularizar seus livros.

Lygia sempre escreveu grandes obras literárias, usando como suas temáticas, a realidade, a fantasia e questões sociais, sendo elogiada pelos críticos brasileiros por sua maneira de escrever; chegou a ser conhecida como herdeira de Monteiro Lobato por sua grande imaginação. Lygia é considerada um dos maiores nomes da literatura Infanto-Juvenil tanto no Brasil, quanto mundialmente, e se consagrou pela melhor forma de problematizar a vida da criança perseguida no seu âmbito familiar.

Enredo da obra

O livro *Sapato de Salto* foi escrito no ano de 2006 e aborda temas polêmicos relacionados a problemas familiares e sociais, entre eles estão: abuso sexual, abandono infantil, prostituição/prostituição infantil, pedofilia, violência, homofobia, machismo, morte, preconceito e degradação familiar. O enredo se passa na cidade de Santa Tereza – RJ, e a narrativa é iniciada com a história de Sabrina, uma menina que é abandonada em um orfanato com três meses de vida.

Ao completar dez anos de idade Sabrina é levada a casa de uma família, onde trabalha cuidando de crianças e afazeres domésticos tendo como pagamento apenas sua alimentação e tratamento dentário. Após alguns dias a menina passa a ter suas noites assombradas pelas visitas feitas em seu quarto por Gonçalves, dono da casa, que a abusa sexualmente.

Após alguns meses surge a porta da casa, Inês, uma mulher que diz ser tia de Sabrina. Inês havia voltado para casa a pouco tempo e estava tentando reunir sua família, sua mãe havia sido abandonada há anos em um asilo e a sobrinha em um orfanato. Ao longo dos anos, ganhou a vida como garota de programa para sustentar o namorado violento, no entanto, quando surgem rumores da morte deste, Inês localiza a sobrinha e a busca para morar com ela e com a avó, Dona Gracinha, que tem problemas mentais por conta de angústias e da morte não superada da filha Maristela, mãe de Sabrina, que se suicidou logo após o nascimento da filha.

No caminho de casa, ambas encontram pela primeira vez Andrea Doria, garoto que tem apenas treze anos de idade e está descobrindo sua sexualidade; o menino convence Inês a lhe dar aulas de dança, pois seu sonho é ser dançarino profissional, no entanto, Andrea tinha que pedir autorização a seu pai, Rodolfo, um homem machista e homofóbico, mas este não consente e afirma que o menino deveria aprender a jogar futebol.

Andrea Doria sai de casa transtornado e vai para a casa de Joel, seu namorado, relatar os fatos. Rodolfo sabe que o filho se encontra com Joel e não aceita sua opção sexual, esse fato traz muito conflito em casa, pois Rodolfo culpa a mãe de Andrea, Paloma, alegando que ela o criou para ser gay, pois o colocava para fazer serviços domésticos, que de acordo com sua opinião machista eram obviamente destinados às mulheres, e concordava que o filho fizesse aulas de dança enquanto deveria estar jogando futebol.

Paloma é compreensiva quanto às decisões do filho, porém vive submissa ao marido e faz somente o que ele lhe pede. Queixa-se dos problemas e da vida triste para seu irmão gêmeo Leonardo, e afirma saber desde a infância de Andrea que o filho seria homoafetivo, e que um dia não irá mais suportar as atitudes homofóbicas de Rodolfo contra seu filho, pois cada dia era mais difícil conviver na mesma casa diante das atitudes violentas e do discurso preconceituoso do marido.

Enquanto Inês leciona dança a Andrea Doria, Sabrina brinca com a Avó que “pendura no varal lembranças” da filha Maristela. Dona Gracinha adquiriu problemas mentais, pois nunca se perdoou por ter repreendido a filha de 15 anos quando esta engravidou; Maristela teve que se prostituir na gravidez para não morrer de fome, e logo após o nascimento de Sabrina, deixou-a em um orfanato e cometeu suicídio, amarrando

uma pedra em seu pescoço e se atirando no rio. Inês também causou grande perturbação em sua mãe quando fugiu com o seu namorado e a derrubou em frente à casa que esta trabalhava. Dona Gracinha acabou batendo a cabeça na calçada e ficando com problemas de saúde sendo levada ao asilo, pois não havia família para cuidar dela.

Há então o clímax na narrativa, quando o ex-namorado de Inês retorna, e quer a força levá-la, inicia-se uma discussão e ambos partem para a agressão física; Sabrina chega a apanhar ao tentar desvencilhar a tia da situação, no entanto, Inês é assassinada com tiros e, a menina passa a assumir o sustento da avó através da prostituição.

Andrea se sensibiliza com a situação de Sabrina e a convida para jantar em casa, e conta a sua mãe o estado da menina. Paloma conversa com Sabrina e promete ajudá-la como pode e a pede para não fazer mais programas.

Paloma muda de atitude e decide não mais aceitar as atitudes do marido, e não ser submissa a ele, pois seu comportamento com Andrea a machucava muito, Rodolfo bate no menino com chicote depois de uma discussão em que Andrea disse que Joel estava certo quanto aos pensamentos de seu pai, que ele era um patriarca moralista e preconceituoso. Paloma decide se separar e trazer Sabrina para morar em sua casa, Rodolfo diz que não aceitaria uma puta dentro de sua casa, e a narrativa encerra quando ele sai de casa, deixando a esposa e seu filho por não mudar seus pensamentos quanto a sua família e não aceitar a opção sexual do filho, em contrapartida, Paloma tira Sabrina de uma vida que ela não merecia viver, e dá ao seu filho o direito de exercer sua escolha de amar.

A representação da homofobia na obra *Sapato de Salto* de Lygia Bojunga

A obra *Sapato de Salto* possui muitos conflitos, será abordado nesta análise à homossexualidade e a homofobia. Andrea Doria é o principal personagem desse conflito, sua opção sexual se torna alvo de preconceito e violência, pois possui um romance com Joel. Paloma, mãe de Andrea, aceita o namoro, no entanto, Rodolfo, apresenta comportamento homofóbico em relação ao filho e ocasiona brigas e mal-estar na rotina familiar.

A todo o momento Rodolfo demonstra ser contra a opção sexual do filho e na tentativa de mudar os comportamentos de Andrea Doria, ofende, bate, e humilha o menino. Andrea está confuso em relação a sua sexualidade e quando procura a figura paterna para orientação é maltratado e pressionado diariamente a caber no estereótipo de masculinidade representado por praticar esportes tidos como masculinos, tais como futebol. Andrea pensa em uma possível conversa entre os dois, na qual pode abrir-se e dizer o que realmente deseja para o futuro. No trecho a seguir Andrea Doria se imagina dando uma notícia a Rodolfo:

> - Pai, é o seguinte, você vai ter aceitar, essa minha coisa é muito forte: eu tenho que dançar, eu quero dançar!Peraí pai, peraí (sic) deixa eu acabar de falar, não começa já a ficar nervoso, eu só tô tentando explicar que eu não posso mudar, cada um é o que é, e se eu resolvi que a dança é o que eu quero ...[...]Assim não da pra conversar com você, mal eu começo a contar um troço e você já vem com esse negócio de que eu tenho mais é que jogar futebol, quantas vezes eu preciso te dizer que eu não gosto de me asfaltar atrás d'uma bola, eu gosto é de dançar! (BOJUNGA, 2006. p. 61-2)

Andrea está convicto da reação de Rodolfo ao que se refere a suas opções em relação à dança e a homossexualidade, e uma conversa amigável nunca seria possível devido à incompreensão do pai. Esse fato é recorrente em muitas famílias nas quais o pai não aceita a opção sexual do (a) filho (a), não deixando que o mesmo exponha o que está acontecendo com seu corpo e mente. Ao dizer que gosta de dança, Andrea é reprendido, pois existem antigas concepções sobre brinquedos, gostos e cores que as relacionam com determinados gêneros e na opinião de Rodolfo meninos não podem brincar de boneca ou dançar, devem brincar com carros e praticar esportes "masculinos". Rodolfo é um personagem de falas completamente machistas e homofóbicas.

> O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. (LOURO 2001, p. 542)

A autora refere-se nesse trecho que o desafio de assumir uma opção sexual ou de gênero, é quando o meio onde se convive é a maior barreira a ser enfrentada, no caso do jovem Andrea o meio social em questão é seu próprio lar, o lugar onde ele cresceu e vive com os pais, para o personagem ter que conviver com alguém dentro de casa que executa ataques diariamente é extremamente complicado para a permanência no âmbito familiar.

Rodolfo tenta encontrar um "culpado" para opção do filho e sua esposa acaba diversas vezes sendo alvo de acusações por seu filho ser *gay*, no trecho a seguir a mãe relata um de seus dias ao lado Rodolfo:

> Rodolfo chegou em casa feito um louco: disse que tinha passado lá pelos lados da estação e viu, de longe o Andrea Doria e um amigo dele, o Joel (um amigo que é uns seis anos mais velho que o Andrea), [...] e lá pelas tantas viu os dois se beijando. Na boca. E o Rodolfo ficou olhando pra mim, feito pedindo uma explicação. Aí eu falei, pois é, o Andrea Doria agora anda empolgado pelo Joel; e não deu tempo de dizer mais nada: o Rodolfo começou a me acusar de ter criado o filho dele pra ser *gay*. Nessa hora o Andrea Doria chegou em casa. E você pensa que ele parou de falar? Desatou a gritar. De propósito pro Andrea Doria ouvir. Disse que eu deveria estar satisfeita: eu não botava o menino pra lavar louça? Pra fazer a cama? eu não vivia dizendo que machismo não dava pé? [...] (BOJUNGA, 2006, p. 68-9)

É evidente que Rodolfo considerando a homossexualidade um comportamento desviante, queria encontrar um culpado para a escolha do filho e atribui à mãe a responsabilidade sobre o fato. Em uma família na qual o pai e a mãe educam juntos os filhos, compartilham deveres e responsabilidades, a fala machista de Rodolfo para com Paloma é uma acusação descabível, pois Paloma apenas incentivou o filho a fazer os serviços domésticos, o que erroneamente, na opinião de Rodolfo, refletiu na personalidade e na opção sexual do menino.

Sabendo que Andrea havia adentrado a casa não hesitou em gritar para machucar tanto a esposa quanto ao filho, e permanecer em casa ou jantar em família se tornaram momentos perturbadores para o rapaz. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) garante o direito do jovem a ser respeitado no âmbito familiar, precisamente o Capítulo II e Art.17, p. 26. diz:

> O direito ao respeito consiste na inviolabilidade a integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. (ECA, Capítulo II e Art. 17, p. 26).

O inverso acontecia na casa de Andrea, cada vez mais a violência moral e psicológica se tornava presente nas ofensas, no desrespeito e nas agressões físicas. Durante a narrativa o adolescente desabafa com o tio contando que a relação com Joel se sucedeu na busca por alguém que o compreendesse, que Joel simboliza um abrigo para se refugiar da sua realidade familiar. Andrea relata não ter sido ouvido quando precisava desabafar, e que viu em Joel alguém para confiar seus segredos e dúvidas, pois Rodolfo era sempre rude e não havia relação de amizade com seu próprio pai.

> Tem tanta coisa que eu sinto e que não entendo por que que eu sinto, então, foi assim que...começou minha história com o Joel; eu queria conversar com alguém que sacasse mais da vida do que eu. Conversar com colega da escola, assim da minha idade, não ia adiantar; e quando um dia eu comecei a conversar com meu pai umas dúvidas que eu tenho, ele veio logo com aquele jeito mandão que você conhece, e aí eu desisti. (BOJUNGA, 2006, p. 186-7)

O ambiente familiar era o maior impasse para a formação da personalidade e sexualidade de Andrea, a quem iria recorrer para ser aconselhado se em seu lar não encontrava abrigo? Entender a si mesmo era difícil, como pedir ajuda ao pai sabendo de seu posicionamento? A mãe não tinha voz dentro do lar. São inúmeros os casos reais de adolescentes que estão nessa fase, descobrindo sua identidade, o seu corpo, seus gostos, e tentam encontrar fora de seus lares um colo e um ombro amigo para os auxiliarem.

> As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la. (LOURO, 2008, p. 23)

Neste momento da nossa atualidade amplia-se cada vez mais o contato com as informações através das mídias as quais sempre abordam a temática da

homossexualidade que deverá ser discutida por pais, mães, e responsáveis que terão que lidar com esse assunto; como dito acima por Louro, o único modo de lidar com a contemporaneidade, não é recusando-a e sim a apoiando, pois a recusa dos responsáveis em lidar com tais assuntos trará ainda mais problemas familiares.

Andrea Doria demonstra em sua fala, que ainda tem dúvidas quanto a sua sexualidade, não sabe se realmente quer ser homossexual, pois tem apenas quatorze anos, seu primeiro envolvimento afetivo foi com Joel, e em um determinado momento da narrativa procura o tio Leonardo para confidenciar esta incerteza.

> -Ano passado eu andei brigando com uns garotos lá na escola. Eles me chamaram de *gay*. [...] Eu sei lá se eu sou *gay* ou sou o quê. Vai ver eu sou: eu nunca gostei de nenhuma menina...[...] - Pois é, essa é a primeira vez que eu experimento ter caso com alguém. Eu não sabia como é que era. Calhou com o Joel. Mas, ás vezes, eu fico pensando que podia ter calhado com mulher, e aí? Eu quero dizer assim: se uma mulher mais velha (o Joel é seis anos mais velho que eu, sabia?) tivesse me pegado, feito o Joel me pegou pra gente... transar... aí como é que ficava? Eu não era mais *gay*? (BOJUNGA, 2006, p.191-192)

Nitidamente o garoto convive com incertezas sobre sua sexualidade, se questiona e busca saídas para os problemas de uma adolescência conturbada. Não há dúvidas quanto às confusões enfrentadas por Andrea, e o apoio familiar ajudaria a amenizar os dilemas da adolescência, pois ter uma base familiar saudável o ajudaria a reconhecer a si mesmo e se aceitar como realmente o é. A contribuição dos pais ou responsáveis para esse processo de formação de identidade é de suma importância no desenvolvimento intelectual, moral e social. No Brasil, existem leis que garantem esse direito à criança e adolescente; o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) menciona no Capítulo II Art.15, p. 26:

> A criança e o adolescente têm direito á liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis. (ECA, Capitulo II e Art. 15, p.26)

Andrea Doria e mais milhares de meninos e meninas são vitimados por uma desestrutura familiar nas quais a violência é diária, é indiscutível que a família ainda é responsável pela proteção e educação da criança e adolescente até que ele se torne capaz de ser independente, e, é indispensável uma boa relação entre responsáveis e os jovens independente de sua sexualidade. Durante toda a narrativa Rodolfo não demonstra afeto, nem respeito, ou qualquer tipo apoio para com Andrea, somente o repreende e agride:

> Rodolfo chegou em casa possesso: tinha visto o Andrea Doria e o Joel saindo juntos da biblioteca e sumido lá pros lados do rio; já andava na boca do povo que " o meu filho é a paixão daquele veado!" . Foi só Andrea Doria chegar em casa pra cena começar: o Rodolfo acusando o filho de envergonhar ele na cidade[...] Andrea Doria acabando de se exasperar e dizer: o Joel tem razão: você e um patriarca moralista e preconceituoso. Pronto! A frase pomposa do Joel foi a última gota: o Rodolfo pegou o chicote que usava quando saía a cavalo e, diante dos protestos horrorizados de Paloma, aplicou duas ou três chibatadas no Andrea Doria, exclamando, exaltando: -Pra você deixar de ser um fresco! (primeira chibatada); pra aprender a ser homem! (segunda); na terceira Paloma se meteu no meio, e , se não é o Andrea Doria empurrar ela, tinha sobrado pra Paloma também. (BOJUNGA, 2006, p, 226-7)

O trecho acima conta um caso de violência contra um menor, que dentro de seu próprio lar é vítima da homofobia, tratasse de uma história fictícia idealizada por Lygia Bojunga, cuja característica de escrita é realista. Andrea Doria é apenas um personagem criado pela autora, mas existem muitos adolescentes vivenciando essa história, sofrendo com preconceito dentro e fora de casa. O livro *Notícias de Homofobia no Brasil* (2014) organizado por Debora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira retrata vários casos de violência praticados pela sociedade e por pessoas próximas, escrito a partir de 600 noticiários de jornais, sites, revistas, portais e blogs.

Com frequência essas notícias de pessoas que vem sendo ameaçadas, agredidas e mortas por conta de sua opção sexual tem ganhado repercussão na mídia, e a semelhança entre os casos de violência contra Andrea Doria e os casos reais me motivaram a comparar as histórias. Andrea não teve sua vida interrompida, mas carregará consigo marcas de uma adolescência de brigas e agressões.

Andrea Doria x André Barbosa: Comparação do personagem fictício da obra *Sapato de Salto* com a história real da vítima de violência homofóbica narrada na coletânea *Notícias de Homofobia no Brasil*.

Durante esse capítulo a história do personagem Andrea Doria será contrastada com a história verídica de André Barbosa apresentada na coletânea *Notícias de Homofobia no Brasil* publicada em 2014 pela editora Letras Livres. Débora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira são as organizadoras das notícias jornalísticas e analisaram dados do Observatório sobre Direitos Sexuais nas Mídias Brasileiras, que monitorou diariamente mais de 600 veículos noticiosos (jornais, revistas, portais, sites e blogs), em plataformas impressas e digitais, entre 1º de janeiro e 30 de junho de 2013. Foram analisadas 6.467 notícias. A iniciativa foi financiada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, por meio do Convênio n. 775969/2012 e o projeto foi executado pela Anis – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero.

Por esta pesquisa tratar-se de um artigo e ter seu espaço para análise limitado, não será possível examinar mais do que um caso da coletânea de notícias, optou-se, portanto, selecionar um em específico que apresenta maior semelhança ao caso de Andrea Doria. Na maioria das 6.467 notícias, os homossexuais foram mortos e as famílias dão os depoimentos sobre os acontecimentos, no entanto, André Barbosa de 22 anos é um sobrevivente, e narra a violência sofrida por conta de um "beijo gay".

André Barbosa havia saído com amigos para uma boate e estavam em uma "festa hétero", quando foi violentamente agredido após beijar outro rapaz.

> Meus amigos tentaram me acompanhar, mas foram barrados no caixa. Do lado de fora da casa dois seguranças me arrastaram para um jardinzinho na lateral da boate. Eu ainda estava preso pelo pescoço com a cabeça abaixada quando levei a primeira joelhada no rosto. Tentei proteger a cara, mas não consegui, era soco e joelhada. Eles gritavam "viadinho de merda" (Alessi, 2013). (DINIZ E OLIVEIRA orgs. 2014 p. 68-9)

André nem sequer teve a oportunidade de se defender, nem seus amigos tiveram a possibilidade de ajudá-lo. Os seguranças alegaram que André estava no lugar

errado e precisava ser mandado embora e surrado para que não repetisse o feito outra vez.

O fato contado acima é semelhante ao episódio de Andrea Doria, que após beijar Joel, recebe do pai chicotadas. “Assim como os seguranças gritavam “viadinho de merda” para intimidar André, Rodolfo dizia palavras de ordem para humilhar ao filho:” pra você aprender a ser homem” (BOJUNGA, ANO 2006, p. 226-227).

As agressões ocorrem em locais diferentes, André é agredido em local público e Andrea em casa, porém a violência é exercida pelo mesmo motivo, a homofobia, que se faz evidente diante de como é efetuada. Os casos são resultados das interpelações do pai e do segurança, que julgam a opção sexual dos jovens pela ótica da heteronormatividade, assim justificando a violência cometida como “ensinamento” de comportamento adequado e aceitável perante a sociedade. Ambos agressores não se intimidam por serem testemunhados diante do ato de homofobia, agem com normalidade, mesmo sendo repreendidos por terceiros continuam a machucar os rapazes. No bar, amigos tentam parar o segurança gritando “homofóbico” e na casa de Andrea, Paloma intercede pelo filho, porém seu apelo é em vão.

André é um sobrevivente que sonha com justiça, usa sua voz, seu corpo e suas marcas para expor sua indignação e repúdio a violência, ao contrário do “segurança” que não possui nome ou rosto divulgado pela mídia, sua imagem é o monstro da homofobia, como poderemos nos defender de uma fera cujo rosto desconhecemos? Na maioria das notícias em plataformas impressas ou digitais os agressores são pouco citados, em contrapartida as vítimas têm sua opção sexual e nomes expostos.

> André se testemunha, mas também se postula como um noticiador da sua história, um feito inigualável por seus algozes. As fotos de seu corpo foram retiradas de álbuns pessoais- é uma vítima com feridas no rosto, mas uma vítima que reclama ser ouvida. Se os agressores interpelam seu corpo e sua sexualidade com força da injúria violenta, André é soberano em apresentar sua versão ás noticias. Isso certamente não significa que os sobreviventes sejam capazes de romper o marco de desrealização que alimenta a homofobia, mas é na ambiguidade de apresentar-se como o corpo ferido que o testemunho move a engrenagem do inquérito pela verdade. Ao menos neste breve momento do inquérito, sua voz e seu corpo são soberanos. (DINIZ E OLIVEIRA orgs. 2014, p. 80-1)

André se valeu das fotos do corpo ferido como prova para legitimar seu testemunho, ele não deixou que a mídia falasse por si, mas impôs sua versão sobre tal acontecimento, a verdade dos fatos. André quis deixar claro o motivo que o deixou naquele estado, e fez com que naquele momento alguma providencia ou atitude fosse tomada, se não por homofobia, ao menos pelo espancamento sofrido.

Tanto o segurança da boate, quanto Rodolfo são intolerantes a um beijo homossexual, para os dois a única providência a ser tomada é a violência verbal e física. Apesar das semelhanças, a trajetória de ambos os jovens diverge um pouco, pois Andrea Doria possui apenas 14 anos de idade e ainda está confuso sobre sua sexualidade, é financeiramente dependente de seu pai e o teme. André já é adulto e pode expressar abertamente sua opção sexual e lutar por justiça, possui amigos e família que o apoiam para prosseguir após o trauma. Andrea conta apenas com sua mãe, que sofre também com as perseguições de Rodolfo.

Segundo as organizadoras da obra *Notícias de Homofobia no Brasil*, o crime homofóbico é um crime de ódio, causado unicamente ou preponderantemente por uma interpretação depreciativa da vivência do gênero das vítimas e pelo julgamento de sua inadequação a uma ordem heterossexual, o mesmo julgamento é feito aos "rapazes", por não estarem no padrão da heteronormatividade, o que os tornam vítimas do preconceito e ódio. Faremos em nossas considerações finais um breve apontamento referente às leis antidiscriminatórias no Brasil

Considerações Finais

A presente pesquisa analisou a representação da homofobia na obra *Sapato de Salto* de Lygia Bojunga através do viés da Teoria Queer baseada nos autores: João Paulo de Lorena Silva (2016), Ederson Luís Silveira (2016), Leonard Cristy Souza Costa (2016), Guacira Lopes Louro (2008), Eve Kosofsky Sedgwick (2007), Judith Butler (2015), entre outros, e, contrastou a história do personagem Andrea Doria com o acontecimento verídico de André Barbosa com o intuito de demonstrar o quanto o preconceito é real na sociedade Brasileira atual em que vivemos.

Na coletânea *Notícias de Homofobia no Brasil*, os LGBTQI são em sua maioria identificados pelas autoridades policiais como “o homossexual”, “o travesti”, “a sapatão” e não pelo nome da vítima, como se um cidadão ou cidadã fosse menos digno de respeito por conta da homossexualidade, e os crimes são citados como homicídio, lesão corporal, latrocínio entre outros, ou seja, a mídia acaba distorcendo as verdadeiras motivações homofóbicas que causaram os crimes e interpelando o leitor e o telespectador a ter a visão de que os homossexuais e travestis fazem programas sexuais, e que por conta disto, estão sujeitos a esse tipo de violência nas ruas.

O fato mais triste encontrado nessas pesquisas é que a homofobia não é considerada crime e esses agressores quando presos respondem por outras acusações, uma vez que não se pode ser condenado por homofobia. Não existem dados oficiais que comprovem a violência contra a comunidade gay, porem as próprias associações ligadas a grupos organizados fazem levantamentos e ajudam a divulgar o número desse tipo de violência cometida no país.

Diante de tais apontamentos surgiu então a busca por proteções jurídicas e antidiscriminatórias, no entanto, não há até o presente momento uma lei que ampare os LGBTQIs no Brasil, esse tipo de violência é enquadrada como discriminação, injúria ou agressão. A Constituição da República Federativa do Brasil (art 3°, inc. IV) promove o bem a todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Quando mencionado preconceito a “sexo”, a lei não é especificamente dirigida ao grupo LGBTQI, mas levamos em conta a discriminação a identidade de orientação sexual, ainda sim é inexistente na constituição uma lei exata contra atos homofóbicos.

Por conta das violências discriminatórias dos heteronormativos, a Ordem dos Advogados do Brasil criou o “Estatuto Diversidade Sexual e Gênero”, e com apoio de movimentos sociais apresentaram propostas de ementas que estão no Congresso Nacional, uma delas é o Projeto de Lei n° 122/2006, que propõe criminalizar a discriminação em virtude da orientação sexual e identificação de gênero. No dia 23 de novembro de 2017 foi entregue ao Senado Federal o anteprojeto do “Estatuto Diversidade Sexual e Gênero”, cuja iniciativa popular se deu através de abaixo-assinado de mais de 34.000 pessoas que votaram através de sites, no entanto é preciso 1 milhão e 400 mil votos para que o projeto seja debatido no Senado.

Ainda há esperança para uma mudança na Constituição Brasileira, uma vez que vários passos foram dados, um exemplo de conquista é o casamento entre duas pessoas do mesmo sexo, anos atrás se lutava para conseguir esse direito que só foi alcançado em 2011. Esperamos que esse artigo possa de alguma forma contribuir para o esclarecimento de questões acerca do grupo LGBTQI, e que cause reflexões que combatam pensamentos homofóbicos. Devemos ampliar nossas visões sociais como sujeitos e cidadãos e acima de tudo perpetuar respeito.

Referências Bibliográficas

BOJUNGA, Lygia. *Sapato de salto*. Casa Lygia Bojunga, 2006.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*, Câmera dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

BUTLER, Judith. *Queer para um mundo não binário.* Disponível em: http://outraspalavras.net/brasil/judith-butler-queer-para-um-mundo-nao-binario/ Acesso em 20/11/2017.

DINIZ, Debora, OLIVERA, Rosana Medeiros (organizadoras). *Notícias de homofobia no Brasil* – Brasília: Letras Livres, 2014.

LOURO**,** Guacira Lopes. *Gênero e sexualidade*: pedagogias contemporâneas. Proposições, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2 Acesso em 20/09/2017

LOURO, Guacira Lopes. *Teoria Queer uma política pós-identitária para a educação*. Estudos feministas, v. 9, n. 2, p. 541, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639 Acesso em 20/09/2017

MARINHO, Nadia. *Homofobia não é crime.* Disponível em: https://nnadiamarinho87.jusbrasil.com.br/artigos/395697903/homofobia-nao-e-crime Acesso em 19/11/2017.

SEDWICK, A. *A epistemologia do armário*. 2012. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/3503/sedgwick-eve.pdf?sequence=1 Acesso em 20/09/2017

SILVA, João Paulo; SILVEIRA, Ederson Luís; COSTA, Leonard Christy Souza. *A Teoria Queer e os muros da escola*: tessituras entre práticas e (des) normalizações. TEXTURA-ULBRA, v. 18, n. 38, 2016. Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2057 Acesso em 20/11/2017.

TARTUCE, Flavio. *Homofobia é crime.* Disponível em: https://flaviotartuce.jusbrasil.com.br/artigos/121822455/homofobia-e-crime-prof-maria-berenice-dias Acesso em 20/11/2017.